

## EVIDENCIANDO A AUTOMEDICAÇÃO NUMA DROGARIA DA REGIÃO SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO - SP

ALINE SARTI<sup>1</sup>, SAMANTA CORDEIRO SILVA<sup>2</sup>, SHAISTA POPE<sup>3</sup>, FRANCISCO SANDRO MENEZES RODRIGUES<sup>4</sup>, JOÃO VICTOR FORNARI<sup>5</sup>, ANDERSON SENA BARNABÉ<sup>6</sup>, DEMETRIUS PAIVA ARÇARI<sup>7</sup>, RENATO RIBEIRO NOGUEIRA FERRAZ<sup>8</sup>.

1- Farmacêutica e Bioquímica pela Universidade Bandeirante de São Paulo – UNIBAN-SP.

2- Bacharel em Enfermagem pela Universidade nove de julho - UNINOVE - SP.

3- Bacharel em Farmácia e Bioquímica pela UNINOVE.

4- Farmacêutico e Bioquímico pela UNIBAN. Mestre em Farmacologia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Professor da UNIBAN.

5- Enfermeiro e Nutricionista, Mestre em Farmacologia pela UNIFESP. Docente do Departamento de Saúde da UNINOVE. Professor dos cursos de Pós-graduação da Universidade Gama Filho – UGF.

6- Biólogo, Mestre e Doutor em Saúde Pública pela USP – SP. Docente do Departamento de Saúde da UNINOVE.

7- Biólogo, Mestre em Nutrição e Saúde Pública pela USP-SP, Doutor em Genética e Biologia Molecular pela UNICAMP. Docente do Centro Universitário Amparense – UNIFIA. Docente do Departamento de Saúde da UNINOVE.

8-Biólogo, Mestre e Doutor em Nefrologia pela UNIFESP – SP. Docente do Departamento de Saúde da UNINOVE. Docente do Mestrado Profissional em Gestão da Saúde da UNINOVE - SP. Docente dos cursos de Pós-graduação da Universidade Gama Filho – UGF.

### RESUMO

**Introdução:** Mesmo no século XXI, a automedicação tem se tornado um assunto de intensas discussões no meio médico e farmacêutico, em decorrência das complicações tangentes às contra-indicações e efeitos colaterais que podem resultar do uso indiscriminado de determinados fármacos. **Objetivo:** Quantificar a prática de automedicação na clientela de uma drogaria da zona norte da cidade de São Paulo. **Método:** Utilização de um questionário com perguntas fechadas correlacionadas ao tema exposto. **Resultados:** 100% dos indivíduos entrevistados realizam automedicação. Ainda, constatou-se que os analgésicos e antitérmicos são os produtos mais indicados de maneira indiscriminada, seguidos dos antiinflamatórios e dos antibióticos. A grande maioria dos entrevistados relatou não realizar a leitura da bula dos medicamentos por eles utilizados desconhecendo, portanto, suas contra-indicações e possíveis efeitos adversos. **Conclusão:** A automedicação é uma atitude corriqueira entre a maioria da população brasileira. Diversos são os eventos adversos que podem ser gerados por esse tipo de atitude, piorando a condição do doente, além de gerar maiores custos para o sistema de saúde. Programas de conscientização devem ser criados visando banir, dificultar, ou pelo menos reduzir este tipo de prática.

**Palavras-chave:** automedicação, drogarias, desconhecimento, efeitos colaterais, contra-indicações.

## ABSTRACT

**Introduction:** Even in the twenty-first century, self-medication has become a subject of intense discussion among doctors and pharmacists, as a result of complications tangent to the contraindications and side effects that may result from indiscriminate use of certain drugs. **Aim:** To quantify the practice of self in the clientele of a drugstore in the northern city of Sao Paulo. **Method:** Use a questionnaire with closed questions correlated to the topic above. **Results:** 100% of the interviewees held medication. Still, it was found that analgesics and antipyretics are the most suitable products indiscriminately, followed by anti-inflammatory drugs and antibiotics. The vast majority of respondents reported not make reading the label of medicines used by them is unknown, therefore, their contraindications and possible adverse effects. **Conclusion:** Self-medication is a common attitude among the majority of the population. There are several events that can be generated by this type of attitude, worsening the condition of the patient, and generate higher costs for the health system. Awareness programs should be created in order to banish, hinder, or by reducing this type of practice.

**Keywords:** *self-medication, drugstore, ignorance, side effects, contraindications*

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais muito se fala sobre os avanços da Medicina nos cuidados com a saúde, sejam eles em relação ao tratamento ou mesmo à prevenção de doenças. O aparecimento de novas drogas, de modernos métodos de diagnóstico, prevenção e tratamento de diversas doenças que antes eram fatais, encontram-se hoje à disposição da população, evidentemente para aqueles que possuem poder aquisitivo para pagar por estes avanços, provenientes principalmente da relação entre a Medicina e Tecnologia (ARRAIS, 1997).

Contudo, nesta época onde se contempla o avanço da alta tecnologia, temas comuns em nosso meio ainda geram grande polêmica, mesmo entre os profissionais de saúde com ampla experiência, e são alvo de intensas discussões. Um destes temas relaciona-se à automedicação, cada vez mais difundida, não só entre a população leiga, mas também no meio hospitalar (CAMPOS, 1985; VILARINO, 1998).

A automedicação é uma atitude cada vez mais comum entre a população brasileira, quer seja ela leiga ou detentora de algum grau de conhecimento. O abuso de diversas classes de medicamentos muitas vezes sem o conhecimento do real efeito do mesmo, além de seus possíveis efeitos colaterais, pode trazer uma série de consequências ao usuário e também uma série de prejuízos para o sistema de saúde, já que, muitas vezes o uso indiscriminado de determinados compostos farmacológicos pode prejudicar o diagnóstico, mascarar sintomas ou mesmo ocasionar a piora da condição clínica de seus usuários. A maioria dos medicamentos percorre longos trajetos dentro do organismo até atingirem o alvo, como por exemplo, o local que está provocando a dor. Nesse trajeto, geralmente, passam pelo estômago, intestino e fígado, e por isso podem causar mal estar e desconforto, como queimações e dores abdominais. Além dos efeitos colaterais, a automedicação pode mascarar diagnósticos em fases iniciais da doença, agravando ainda mais o problema, até por que nenhum fármaco é totalmente inócuo, ou seja, totalmente sem efeito, ao organismo (VILARINO, 1998; HEINIK, 1998; COREN, 2006; CAMPOS, 1985).

A prática da automedicação, comumente observada no Brasil, é um assunto que preocupa, além de ser vastamente discutido, é considerada muitas vezes como necessária pela própria Organização Mundial de Saúde (OMS) tendo em vista a precariedade da assistência à saúde nos países de terceiro mundo em geral, além do Brasil em especial. A eficácia da prática da automedicação, entretanto, fica refém da disponibilidade dos preparados medicamentosos disponibilizados pelo sistema de saúde e dos conhecimentos de quem a realiza, normalmente adquiridos empiricamente e por experiência própria (CAMPOS, 1985; ARRAIS, 1997; FIGUEIREDO, 2003).

Do mesmo modo que trocam dicas de bons lugares para jantar, receitas de doces, ou indicações de boas lojas, as pessoas costumam recomendar uns aos outros, remédios que já tomaram e que funcionaram com elas. Dor de cabeça, cólica, dor nas costas, resfriado, gripe, dor de garganta, enjoo, dor de estômago, para todos esses problemas há sempre um amigo, vizinho ou familiar com uma indicação de medicamento na ponta da língua. Até anticoncepcionais entram neste perigoso rol de substâncias prescritas por pessoas sem formação profissional específica, o que inclusive pode trazer graves consequências sociais em longo prazo (ARRAIS, 1997; BORTOLETTO 1999).

A automedicação parece ser um hábito incorporado à cultura brasileira, e que torna ainda mais difícil a tarefa de convencer as pessoas dos riscos que ela pode acarretar, ou mais especificamente, da prescrição de remédios por leigos. Mesmo os medicamentos sem tarjas vermelha ou preta, que não precisam de prescrição médica para serem vendidos, podem causar uma série de efeitos indesejados se utilizados sem um mínimo de critério pelos seus usuários (ARRAIS, 1997; LOYOLA-FILHO, 2002; MENGUE, 2001).

O problema da automedicação é universal, remoto e de grandes proporções. A automedicação pode ser considerada uma forma de não adesão às orientações médicas e de outros profissionais da saúde. Nesse sentido, já sentenciava Hipócrates: *"Toda vez que um*

*indivíduo diz que segue exatamente o que eu peço, está mentindo"* (SCHENKEL, 1998). Não há como acabar completamente com a automedicação, talvez pela própria condição humana de testar e arriscar, tomando suas próprias decisões. Há, contudo, meios para diminuir a sua extensão. Programas de orientação para profissionais de saúde, para farmacêuticos, para balconistas de farmácias e para a população em geral, além do estímulo a uma fiscalização apropriada, são fundamentais para conter o avanço dessa situação. Por estas questões, e também devido à grande complexidade que envolve o tema "automedicação", julga-se importante avaliar o conhecimento de uma parcela da população em relação à automedicação e suas possíveis complicações.

## OBJETIVO

Evidenciar a prática de automedicação entre clientes de uma drogaria da região Sul da cidade de São Paulo, através da resposta a um questão.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem quantitativa, realizado no mês de julho de 2009, em uma drogaria da Zona Sul da cidade de São Paulo, após a autorização da gerência da instituição. O estudo buscou compor uma amostra populacional de aproximadamente 30 clientes que compareceram à drogaria em questão, com a intenção de adquirir medicamentos sem a devida prescrição médica.

O instrumento de coleta de dados foi constituído de apenas uma parte, com base nos objetivos desta pesquisa. Este instrumento foi composto de um questionário contendo 10 perguntas fechadas acerca do conhecimento dos clientes sobre a automedicação, sendo as respostas compostas de duas, três ou quatro alternativas, onde apenas uma deveria ser assinalada. O questionário foi entregue aos 30 clientes que preencherem o termo de consentimento livre e esclarecido previamente ao

questionário, autorizando assim a utilização dos dados para confecção desta pesquisa.

Não ocorreram manifestações dos pesquisadores para possíveis esclarecimentos sobre as questões apresentadas no questionário durante o preenchimento do mesmo pelos sujeitos da pesquisa. Foi mantida a liberdade de expressão dos entrevistados, não sendo, portanto, determinado tempo limite para resposta dos questionários.

Os dados foram agrupados e analisados através de índices percentuais sem a aplicação de testes estatísticos. Após o recebimento dos questionários preenchidos, as respostas às 10 questões foram avaliadas como um todo, observando-se a quantidade de marcações para cada uma das alternativas em cada uma das questões, considerando-se os 30 questionários. Nenhuma informação que pudesse identificar os participantes ou a Instituição onde este trabalho foi realizado foi divulgada. Esta pesquisa foi registrada no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob o nº 297352/2009, estando de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde quanto aos seus aspectos éticos e legais.

## RESULTADOS

A distribuição das respostas da população em relação ao conceito de automedicação, considerando SIM para "conhece" e NÃO para "não conhece", demonstrou que os 30 indivíduos entrevistados (100% do total) sabem o que significa automedicação.

As respostas em relação ao fato de praticar ou não automedicação (considerando SIM para "pratica" e NÃO para "não pratica"), relataram que 100% dos 30 indivíduos entrevistados praticavam automedicação.

Sobre a distribuição das respostas da população em relação à frequência da prática da automedicação, os dados mostram que 20 indivíduos entrevistados (66% do total) praticam a automedicação como um ato corriqueiro, enquanto 10 indivíduos (34%) praticam este ato apenas às vezes. Interessante notar que nenhum dos indivíduos entrevistados afirmou que nunca se automedica.

Quanto às respostas sobre o conhecimento dos efeitos colaterais da automedicação (considerando SIM para “conhece” e NÃO para “não conhece”), dos 30 indivíduos entrevistados, apenas 4 (13%) disseram conhecer os possíveis efeitos colaterais da automedicação, enquanto 26 indivíduos (67% do total) confirmaram desconhecer os perigos do ato.

Ao avaliar o tipo de medicamento mais comumente utilizado na prática da automedicação, verificamos que todos os 30 indivíduos entrevistados (100% da amostra) faziam uso regular de analgésicos e antitérmicos sem orientação médica. Ainda, 22 dos 30 participantes (73% do total) faziam uso de antiinflamatórios sem prescrição. Por fim, 9 indivíduos (30% da amostra) faziam uso regular de antibióticos por conta própria.

Quando indagados sobre o fato de passar nomes de medicamentos para outras pessoas, considerando-se como resposta SIM para “passa” e NÃO para “não passa”, 83% dos entrevistados

medicamentos para amigos e parentes, enquanto 17% (5 indivíduos) disseram não induzir outras pessoas à automedicação.

Em relação à distribuição das respostas dos entrevistados com respeito ao fato do indivíduo ao menos ler a bula do medicamento antes de praticar a automedicação, considerando-se SIM para “lê” e NÃO para “não lê”, observa-se que 16 indivíduos (53%) contra 14 indivíduos (47%) respectivamente leem e não leem a bula dos medicamentos antes de se automedicar.

Sobre um possível relato a um médico sobre a ocorrência de efeitos colaterais relativos à prática da automedicação, todos os indivíduos entrevistados relataram nunca terem observado efeitos colaterais perceptíveis.

As respostas da população em relação ao fato de comunicar ao médico o uso da prática da automedicação como costume mostrou como resultado que 86% dos entrevistados (26 indivíduos) não relatam ao seu médico o uso de medicamento por conta própria, contra 14% (4 indivíduos) que costumam realizar este relato.

Por fim, todos os indivíduos entrevistados desconheciam os possíveis problemas ou efeitos colaterais que podem ser decorrentes do uso sem prescrição dos medicamentos mais comumente utilizados pelos próprios entrevistados.

## DISCUSSÃO

A automedicação (utilização de compostos medicamentosos sem orientação médica) é uma prática bastante comum no Brasil. Não é raro encontrar alguém tomando o mesmo medicamento que o vizinho ou o irmão tomou no caso de hipertensão, gastrite ou tratamento da obesidade (COREN, 2006).

Esse fato muitas vezes é atribuído ao baixo poder aquisitivo da população brasileira. Sem condições para pagar um plano de saúde e sem paciência para esperar meses por uma consulta no Sistema Único de Saúde, o doente parte para o uso de medicamentos indicados por pessoas inexperientes. Todavia, a automedicação também é uma prática bastante comum nas

entre os profissionais de saúde. Portanto, faz-se necessário alertar a todos que a administração de medicamentos errados, que muitas vezes podem se tornar perigosos, e ainda mais em doses inadequadas pode causar uma série de consequências muitas vezes trágicas, que vão desde a indução à dependência até sérias intoxicações e morte (COREN, 2006).

Este trabalho, que analisou uma pequena amostra populacional de 30 indivíduos, mostrou que todos os entrevistados sabiam o significado do termo “automedicação” e faziam uso regular de medicamentos sem orientação médica. Talvez um grande problema que tenha vindo à tona foi o fato da maioria dos indivíduos desconhecerem os efeitos colaterais dos medicamentos aos quais fazem uso, podendo, por conta disso, estimular o acontecimento de três eventos: piora de seus próprios sintomas, criação de novas condições patológicas e, ônus ao serviço público de saúde, já que este indivíduo mais cedo ou mais tarde procurará o serviço médico para “consertar” os males que ele mesmo causou, além de dificultar o trabalho do clínico, já que a doença de base provavelmente encontra-se mais desenvolvida.

Os medicamentos campeões do uso indiscriminado foram os analgésicos e antitérmicos. Estes apresentam efeitos colaterais importantes, podendo provocar problemas de estômago e hemorragias. Pode ser fatal se usado em casos de dengue e pode acelerar a progressão da insuficiência renal em indivíduos que se encontram nessas condições. Já os anti-inflamatórios, segundos colocados no *ranking* dos mais utilizados sem prescrição, podem gerar uma série de efeitos colaterais de ordem cardiovascular, como pode-se observar com os recentemente retirados do mercado Vioxx® e Arcoxia®, além de também poderem contribuir para a progressão da doença renal crônica. Por fim, embora representados por um número menor de indivíduos, os antibióticos também se mostram como sendo de ampla utilização sem prescrição médica adequada, sendo utilizados por cerca de 30% dos indivíduos de nossa amostra. Dentre os diversos efeitos colaterais desse grupo de medicamentos podemos citar o fato dos mesmos mascararem condições patológicas importantes que deveriam ser tratadas de imediato como, por exemplo, a apendicite. Ainda, eles podem exacerbar os sintomas de algumas doenças, estimular a seleção de cepas bacterianas resistentes e também podem transformar-se em moléculas denominadas haptenos, que podem induzir ou acelerar processos patológicos nos rins e fígado. Vale lembrar que, no questionário preenchido pelos participantes do estudo, não constavam grupos de medicamentos que historicamente são utilizados indiscriminadamente, como calmantes, antidepressivos (muitas vezes utilizados para controle do apetite) e, mais recentemente, medicamentos inibidores das lipases gástrica e intestinal que, utilizados para emagrecimento, podem ocasionar uma série de alterações orgânicas se não forem consumidos sob adequação dietética.

A grande maioria dos indivíduos entrevistados sequer lê a bula dos medicamentos que utiliza. A maior parte dos indivíduos que leem, acabaram por relatar (dados não apresentados) que acabam não entendendo muito bem a complexa linguagem existente nesse veículo de comunicação. Ainda, indicar a amigos

e parentes medicamentos que porventura apresentaram efeitos que, na visão do paciente, foram benéficos, é uma atitude bastante corriqueira, pelo menos dentro do universo da amostragem.

Vale salientar que nenhum indivíduo pertencente à amostra descrita relatou a existência de efeitos colaterais até o presente momento. Muitos dos mesmos relatam a seus médicos (quando os procuram) que fazem uso regular de determinadas substâncias, fato este na maioria das vezes não é questionado pelos próprios médicos.

Por fim, nossa população relatou uniformemente que conhece a probabilidade de algum efeito colateral acontecer, mas que a confiança em uma “força divina” há de protegê-los destes efeitos maléficos.

Nossos resultados demonstram que, embora tenhamos trabalhado com uma amostra populacional pequena, o uso indiscriminado de medicamentos é uma atitude corriqueira entre os brasileiros. Mostra também que existe a necessidade de um maior esclarecimento da população em geral sobre os malefícios da automedicação, seja por meio de propaganda em postos de saúde e hospitais por agentes treinados, ou por meio de imprensa escrita, televisão e rádio. Pouco se sabe a respeito do número de internações e mortes oriundas da automedicação, já que não existem dados epidemiológicos consistentes sobre o assunto. Além da piora da condição individual do paciente, provavelmente é gerado grande ônus ao sistema de saúde, devendo, portanto a automedicação ser tratada como questão de saúde pública.

## CONCLUSÃO

A automedicação é uma atitude corriqueira entre a maioria da população brasileira. Diversos são os eventos adversos que podem ser gerados por esse tipo de atitude, piorando a condição do doente, além de gerar maiores custos para o sistema de saúde. Programas de conscientização devem ser criados visando banir, dificultar, ou pelo menos reduzir este tipo de prática.

## REFERÊNCIAS

Arrais PS, Coelho HL, Batista MC, Carvalho ML, Righ RE,



Arnau JM. Perfil de automedicação no Brasil. Rev Saúde Pública. 1997; 31:71-7.

Bortoletto ML, Bochner R. Impacto dos medicamentos nas intoxicações humanas no Brasil. Cad Saúde Pública. 1999; 15:859-69.

Campos JA, de Oliveira JS, Costa DM, Machado CD, Alvarenga JR, Torres LO. Prescrição de medicamentos por balconistas de 72 farmácias de Belo Horizonte / MG em maio de 1983. J Pediatr. 1985; 59:307-12.

COREN – SP. Os perigos da automedicação. Revista do COREN – SP. 2006; 65:6-7.

Figueiredo NM. Administração de Medicamentos. Revisando uma prática de enfermagem. São Paulo: Difusão, 2003. 270p.

Heinik I, Gallina SM, Silva T, Dal-Pizzol F, Schenkel EP. Análise da publicidade de medicamentos veiculadas em

emissoras de rádio do Rio Grande do Sul. Cad Saúde Pública. 1998; 14:193-8.

Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra H. Uso de medicamentos. Rev. Saúde Pública. 2001; 36(1):55-62.

Mengue SS, Schenkel EP, Dunkan BB, Schmidt MI. Uso de medicamentos por gestantes em seis cidades brasileiras. Rev Saúde Pública. 2001; 35:415-20.

Schenkel EP, Costa TC, Kerber LM, Volpato NM, Caudurro A, Machado HN. Comercialização de medicamentos em bares/lancheiras e armazéns/fruteiras em Porto Alegre. Ciênc Cult. 1998; 20:285-8.

Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rodel AP, Bortoli R, Lemos RR. Perfil da automedicação. Rev Saúde Pública. 1998; 32:43-9

